



# Os “abomináveis”: a construção da retórica do “inimigo” por candidatos evangélicos no Ceará

*The “abominables”: the construction of the rhetoric of the “enemy” by evangelical candidates in Ceará*

**Glesdstone Almeida Melo**

glesdstone@gmail.com

Prefeitura Municipal de Pacatuba

**Francisco Elionardo de Melo Nascimento**

elionardo.nascimento@uece.br

Universidade Estadual do Ceará

**Luiz Gomes da Silva Neto**

luiz.gomes@fied.edu.br

Faculdade Ieducare

**Edival Saraiva de Oliveira Neto**

edivalsaraiva09@gmail.com

Universidade Estadual do Ceará

**Geovani Jacó de Freitas**

gil.jaco@uece.br

Universidade Estadual do Ceará

10.52521/opp.v23n1.15145

## FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 10/03/2025

Aprovação do trabalho: 29/05/2025

Publicação do trabalho: 04/07/2025

## Resumo

O texto analisa os discursos de um casal de candidatos evangélicos durante a campanha eleitoral de 2022 no Ceará, focando na construção retórica de seus “inimigos” políticos. Trata-se de uma pesquisa documental tomando como material de análise as postagens dos candidatos na rede social Instagram, no pleito eleitoral de 2022. O foco da análise de conteúdo das postagens está nas três categorias que eles identificam como “abomináveis”: a esquerda, Lula e o feminismo. O estudo demonstra como os candidatos empregam uma linguagem carregada de emoção, guerra e demonização para mobilizar seus eleitores, associando seus oponentes a “forças do mal” (Satanás e comunismo) e ameaçadoras da família tradicional. Essa estratégia de construção de identidade e mobilização política explora a tensão entre valores religiosos conservadores e mudanças sociais, e a utilização de narrativas de ameaça e medo para polarizar o eleitorado.

## Palavras-chave

Política. Religião. Evangélicos na Política. Abomináveis.

## Abstract

This paper analyzes the speeches of an evangelical couple during the 2022 electoral campaign in Ceará, focusing on the rhetorical construction of their political “enemies.” This is a documentary study using the candidates’ posts on the social network Instagram during the 2022 electoral campaign as the material for analysis. The focus of the content analysis of the posts is on the three categories that they identify as “abominable”: the left, Lula, and feminism. The study demonstrates how the candidates use language laden with emotion, war, and demonization to mobilize their voters, associating their opponents with “forces of evil” (Satan and communism) and threatening the traditional family. This strategy of identity construction and political mobilization explores the tension between conservative religious values and social change, and the use of narratives of threat and fear to polarize the electorate.

## Keywords

Politics. Religion. Evangelicals in Politics. Abominable.

## Introdução

A relação entre política e religião no Brasil está presente desde a chegada dos colonizadores ao país em 1500, com a celebração de uma missa Católica, realizada como a primeira atividade oficial da Coroa Portuguesa ao desembarcar nestas terras, como relatada na carta de Pero Vaz de Caminha enviada ao Rei Dom Manuel I. A Igreja Católica permaneceu como religião oficial até 1890, quando foi declarado o Estado laico. No entanto, de acordo com Camurça (2017), é preciso entender que o tipo de laicidade ao qual o Brasil está vinculado é o modelo norte americano, que permite a participação da pluralidade religiosa dentro do Estado, totalmente diferente do modelo francês, que não permite nenhuma atuação de religiosos no espaço público.

Segundo Freston (1993), o avanço industrial e urbano no Brasil aumentou a concorrência religiosa e sua pluralidade. Neste caso, o aumento dos evangélicos e suas pregações proselitistas foram fundamentais para o desenvolvimento da pluralidade religiosa no País, rompendo com a hegemonia Católica por meio de um sincretismo hierárquico, que era um modelo que combinava uma “relação [de pertença religiosa] não-exclusiva com a aceitação da hegemonia institucional Católica” (Freston, 1993, p. 6), que tolerava as demais religiões.

No Brasil, os estudos acadêmicos relacionados à participação dos evangélicos na política se intensificaram após o processo de redemocratização, com a entrada de 32 Deputados Federais (Lacerda, 2017) evangélicos eleitos em 1986 e que participaram da constituinte de 1988. Embora, inicialmente, em pequena quantidade no Congresso Nacional, os evangélicos foram criando estratégias para se ordenar no jogo político brasileiro como uma “elite política” (Burity, 2018), sendo uma delas a criação do “candidato oficial” da igreja, adotada pela Assembleia de Deus (AD), Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ) e Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) (Freston, 1993).

De acordo com Freston (1993), existia uma ideia muito comum nas igrejas de que, com a redemocratização, a Igreja Católica estava se articulando para voltar a ser religião oficial e por isso os evangélicos deveriam reagir e se articular para eleger seus representantes. É neste período que a retórica corrente de que “cristão não se envolve em política” deu lugar à ideia de que “irmão vota em irmão”. A partir dos anos 2000, com o aumento paulatino da quantidade numérica e conseqüentemente da representação política dos evangélicos na cena pública, a preocupação dos estudos era de identificar os efeitos dessa participação e se isso, de alguma forma, afetaria a laicidade no Brasil (Mariano, 2003a).

Na última década, os evangélicos foram aumentando sua capacidade e poder de negociação política e se consolidaram como “novo ator político” (Carranza, 2020) em

nível nacional, com atuação de destaque na cena política nacional quando se trata de temas como aborto, casamento entre pessoas do mesmo sexo e ensino religioso nas escolas (Machado; Burity, 2014). Eles passaram a se organizar em forma de “frente evangélica”, mas são mais conhecidos como “bancada evangélica” que, assim como outros políticos tradicionais, defendem seu grupo de interesse. No Congresso Nacional, unem-se pontualmente com outras bancadas para aprovação de projetos, mesmo que estes contrapunham a sua fé, como no caso da aprovação de projetos armamentistas em conluio com a “bancada da bala” (Guadalupe, 2020).

Para Burity (2018), a “bancada evangélica” conseguiu promover pautas voltadas para a manutenção e fortalecimento do conservadorismo, se colocando como ferida pelos escândalos de corrupção que assolaram o governo de Dilma Rousseff, culminando no seu *impeachment* em agosto de 2016. Neste período, os políticos evangélicos elegeram o Partido dos Trabalhadores (PT) como responsável por todas as mazelas descortinadas e passaram a defender o retorno dos militares ao poder, com mobilizações por meio de marchas, passeatas e danças. A demonização do PT trouxe à tona todo o ressentimento guardado dos setores autoritários representado pelos militares, que ressurgem com força, em um movimento denominado pelos pesquisadores de “onda conservadora” ou “nova guinada à direita” (Burity, 2018) que, entre outras expressões, apresentam o conservadorismo como algo novo.

No pleito eleitoral de 2018, os evangélicos se envolveram massivamente na candidatura de Jair Messias Bolsonaro à presidência da república (Almeida, 2021), sendo um eleitorado decisivo à sua eleição para o mandato de 2019 a 2022. Isso nos ajuda a entender o quanto a religião e o discurso religioso se tornaram importantes na orientação do voto em processos eleitorais no Brasil (Silva; Silveira, 2021; (Silva *et al.*, 2021; Felix, 2023). Nas eleições presidenciais de 2022, a disputa pelo eleitorado evangélico aconteceu nas principais igrejas, com punição aos fiéis que se declaravam de esquerda, quando pastores da maior igreja evangélica brasileira, a Assembleia de Deus, declararam apoio a Jair Bolsonaro (Mello, 2022).

Este estudo entrelaça a política e a religião como temáticas que nos permitem investigar os discursos de candidatos evangélicos em pleito eleitoral. Para tanto, temos como objetivo analisar os discursos da campanha à reeleição de um casal de evangélicos da Assembleia de Deus na rede social *Instagram*, que concorreu no pleito eleitoral de 2022 a deputado federal e estadual do Ceará pelo Partido Liberal (PL). Trata-se de uma pesquisa documental que toma como material analítico as postagens de Dra. Silvana, candidata a deputada estadual, e Dr. Jaziel, candidato a deputado federal, publicadas em sua página no *Instagram*, no período de campanha eleitoral, como objeto de escrutínio inspirados pelas teorias de análise de discurso e de análise de conteúdo

(Bardin, 2011; Orlandi, 2015).

As postagens selecionadas para a análise estão diretamente relacionadas ao tema da campanha – “O cordão de três dobras é mais difícil de quebrar”, que faz menção às palavras de Salomão, que elenca o “cordão de três dobras” como o marido, a esposa e Deus (Bíblia, 2015 [Eclesiástico, 4:12]). Na medida em que vão elegendo e caracterizando seus “inimigos”, os candidatos se apresentam como salvadores das pautas conservadoras e contra o que consideram “os abomináveis” que, no caso analisado, são identificados por três códigos significantes: esquerda, Lula e feminismo.

O texto está organizado em três seções, para além desta breve introdução e das considerações finais. Na primeira, apresentamos os procedimentos metodológicos e analíticos da pesquisa. Em seguida, o contexto e os atores da pesquisa são caracterizados. Por último, na terceira seção, analisamos os discursos dos candidatos a partir da categoria “abomináveis”.

## Procedimentos metodológicos

Este estudo é de natureza qualitativa, valendo-se da pesquisa documental como recurso metodológico. O material de análise são as postagens dos candidatos Dra. Silva e Dr. Jaziel na rede social *Instagram*, durante o pleito eleitoral de 2022. No fluxo analítico, nos inspiramos no método da Análise do Discurso de Orlandi (2015) e na Análise de Conteúdo de Bardin (2011), levando em consideração o contexto em que o discurso foi escrito, as condições de sua produção, a formação discursiva e o sujeito que o pronuncia.

De acordo com Figueiredo (2007), a pesquisa documental considera relatórios, reportagens de jornais, revistas, cartas, filmes, gravações, fotografias e outros materiais que não receberam tratamento analítico como objeto de análise, não se limitando, portanto, aos textos escritos e impressos. O autor ressalta que esses materiais são utilizados como fontes de informações, trazendo indicações e esclarecimentos em seu conteúdo para explicar determinadas questões de interesse do pesquisador.

No caso deste estudo, o material de análise são as postagens feitas pelos candidatos com o objetivo de galgar a adesão do eleitorado, no período de 06 de agosto a 02 de outubro de 2022, sejam elas em formato escrito, imagens, áudio ou vídeos. Para a coleta de dados, no primeiro momento, inspirados pela Análise de Conteúdo, lemos, escutamos, visualizamos e examinamos todas as publicações do casal de candidatos durante o período supracitado e identificamos que as postagens versavam sobre temas diversos, tais como momentos em família, na igreja ou específicos da campanha eleitoral. Neste caso, em uma primeira filtragem, selecionamos as 30 postagens diretamente relacionadas à campanha eleitoral, copiamos as mensagens de texto, transcrevemos mensagens

de áudio e vídeo e fizemos *print* das fotografias. Posteriormente, em uma análise mais acurada do material, escolhemos para a composição deste estudo 14 publicações que abordam diretamente a figura do “inimigo”.

Os discursos caracterizando e combatendo a figura do “inimigo” foram mobilizados em pautas que se insinuavam em defesa da família, contra o aborto, contra a legalização das drogas, contra a ideologia de gênero, entre outros. Desta forma, decidimos classificar as denominações de “inimigos” em três códigos significantes que melhor expressariam essa categoria analítica, são eles: Esquerda, Lula e Feminismo.

Para a análise do teor das publicações, nos inspiramos na Análise de Conteúdo de Bardin (2011), levando em conta que a mensagem proferida está direcionada a um indivíduo ou a uma coletividade “com a finalidade de agir (função instrumental da comunicação) ou de se adaptar a ele (ou eles). Por consequência, o estudo da mensagem poderá fornecer informações relativas ao receptor ou ao público” (Bardin, 2011 p. 166).

Como nosso intuito era compreender o que estava por trás da mensagem falada, escrita ou fotografada, tentamos entender quem estava falando e como seu público estava recebendo a mensagem. Por isso a necessidade de buscar o que estava explícito e implícito dentro dos discursos. Seguindo os passos investigativos sinalizados por Bardin (2011), buscamos identificar o elo entre o público receptor e a mensagem publicada, procurando captar como os candidatos mobilizavam seus eleitores. Neste caso, levamos em consideração o fato de os candidatos serem religiosos pertencentes à Igreja Assembleia de Deus e que seus discursos eram proferidos para os fiéis, sendo este um fator determinante.

No tocante à análise do discurso, buscamos a captação de todos os fatores que influenciaram a discursividade dos candidatos. Neste aspecto, destacamos o trabalho simbólico do discurso como base da existência humana, sendo a utilização da linguagem elemento de mediação entre o homem e a realidade social, possibilitando a permanência, a continuidade, o deslocamento ou a transformação do homem e da realidade em que ele vive (Orlandi, 2015).

Com base em Maingueneau (2015), procuramos interpretar os discursos compreendendo que existe um certo tipo de poder dos discursos (falados ou escritos) que é transdisciplinar à Linguística e às Ciências Humanas e Sociais. Na perspectiva de referida autora, a análise do discurso congloba três dimensões: língua (mais amplamente, os recursos semióticos disponíveis em uma sociedade), a atividade comunicacional e o conhecimento (os diversos tipos de saberes, individuais e coletivos, mobilizados na construção do sentido dos enunciados).

Ao analisar os códigos apresentados nos discursos dos candidatos, pretendemos decifrar essa atividade comunicacional com a pretensão de examinar o discurso em

seus aspectos políticos, ideológicos, filosóficos e sociológicos, “refletindo sobre a maneira como a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua” (Orlandi, 2015, p. 14-15). Entendemos que a situação de produção de um discurso anda junto com as condições de produção deste, o que implica na relação direta entre a estruturação dos textos/falas aos lugares sociais que os tornam possíveis.

É importante destacar que a linguagem utilizada pelos candidatos expressa a concepção de sociedade que eles acreditam, trazendo um ponto de vista da vida social no qual as pessoas utilizam seu raciocínio e seu poder de simbolização para entender e se adaptar às circunstâncias exercidas pelo meio (Hall, 1987). Deste modo, as práticas de linguagem, em suas interações simbólicas da vida em grupo, dos objetos e da ação humana, constroem a realidade social e suas representações da sociedade (Haguet, 1994). Aqui, a linguagem utilizada por candidatos religiosos é portadora de sentidos no interior de um grupo social específico, sendo associação entre serem evangélicos e servir a Deus destacada como representação política amplamente utilizada para modular pensamentos, sentimentos, vontades, ações e emoções dentro e fora da instituição religiosa.

Ao analisar especificamente o discurso político, Charaudeau (2011) caracteriza-o como o lugar social dos jogos de máscaras, cujas imagens por vezes aparecem disfarçadas e nem sempre são expressas na fala, pois o que não é dito também possui significado, mesmo sem ser percebido. A autora nos chama a atenção para observar que toda palavra dita no campo da política deve ser analisada, ao mesmo tempo, pelo que ela (não) significa. Argumenta que o pesquisador nunca deve tomar a literalidade das palavras do enunciador, mas compreendê-las como produto de uma estratégia cujo falante quase sempre não é soberano. Por outro lado, Orlandi (2015) fala da não subjetividade do sujeito, sinalizando que, embora o sujeito acredite que o discurso que profere é seu, ele é, na verdade, produto de uma ideologia mais ampla que o fundamenta.

Neste estudo, a produção discursiva do “inimigo”, esquadrinhada nos códigos significantes esquerda, Lula e feminismo, ressoa de forma abrangente no contexto da Assembleia de Deus e tem a finalidade de gerar medo no público receptor, para além de mostrar os candidatos evangélicos como únicos salvadores do mal proferido pelo “inimigo”. Passemos então para a caracterização dos atores e do contexto dos discursos analisados.



## Contextualizando o cenário e os personagens



Olá, nós somos Dr. Jaziel e Dra. Silvana, candidatos a mais um mandato como Deputado Federal e Deputada Estadual, respectivamente, pelo Estado do Ceará. Somos cristãos, casados, pais, avós e médicos. Lutamos contra a abominação do Marxismo-Comunismo e todos os seus desdobramentos maliciosos, como o Feminismo. Somos contra o aborto, contra a legalização das drogas, contra a ideologia de gênero, contra a agenda globalista. Batalhamos pela proteção da família tradicional, pela preservação dos valores judaico-cristãos na nossa sociedade, pela proteção da vida desde sua concepção e pela proteção e valorização da soberania da nossa pátria. Vamos juntos para mais uma vitória e mais um mandato beneficiando o povo cearense e o Brasil como um todo, com Bolsonaro presidente. Bolsonaro 22, Dr. Jaziel 2277, Dra. Silvana 22777 (Postagem no Instagram em 20/09/2022).

O trecho acima é de uma postagem publicada na rede social Instagram na metade da campanha eleitoral de 2022. A candidata a deputada estadual, Dra. Silvana, publicava em sua página do *Instagram* uma fotografia com a mensagem - “Marque cinco amigos que precisam conhecer a Dra. Silvana e Dr. Jaziel”. Porém, o que chamou a atenção foi o modo como ela se apresenta e apresenta o seu esposo num processo eleitoral

onde pleiteavam um novo mandato – “Somos cristãos, casados, pais, avós e médicos”, mas, sobretudo, deixando claro que pretendiam continuar trabalhando “contra a abominação [que é o] marxismo-comunismo e todos os [seus] desdobramentos maliciosos” (Grifos nossos). A representação feliz e de harmonia familiar expressa pela imagem dá o tom de um modelo tradicional de família que os candidatos pretendem demonstrar e chancelar como legítimo. Esse primeiro contato com o discurso dos candidatos nos fez perceber o modo como religião e política se entrelaçavam nos discursos para adesão do eleitorado no pleito de 2022.

Dentre as nuances discursivas, a utilização do termo “abominação” saltou aos olhos, fazendo-nos perceber que tudo que foge aos preceitos da religião dos candidatos é assim expresso: “abominável”. Ou seja, algo “que é detestável, que provoca repulsa, execrável” (DICIO, página *online*). Neste caso, os “abomináveis” tinham nomes, identificações e formas de agir específicas, restando o seu enfrentamento como bandeira de luta política defendida junto aos eleitores que seguiam os candidatos no Instagram.

A eleição de alguém ou de um grupo como um inimigo abominável é algo recorrente na História. Dentre os muitos casos, a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) pode ser identificada como uma catástrofe (Hobsbawm, 2006) das mais recentes, em que os exércitos alemães nazistas executaram mais de seis milhões de judeus. Na época, os judeus, os ciganos, os negros, os *gays* e vários outros grupos étnicos distintos foram identificados como inimigos de uma chamada raça pura (a raça Ariana) e identificados como a causa do mal e do retrocesso de toda a nação, cuja eliminação deles foi a solução escolhida.

No pleito eleitoral de 2022, a identificação de um inimigo comum foi originada em meio aos religiosos (neo)pentecostais, mobilizados pelo apoio de parte significativa dos líderes de igrejas ao candidato Jair Bolsonaro, oficialmente publicizado na 49ª Assembleia Geral Ordinária da Convenção Fraternal das Assembleias de Deus de São Paulo (Confradesp). Tal apoio também incidiu na punição de expulsão da denominação aos pastores que optassem por apoiar o candidato Luiz Inácio Lula da Silva (Mello, 2022). Em entrevista ao Jornal Poder360, o presidente da Convenção Geral de Assembleias de Deus, José Welington Bezerra, disse que a igreja que se “posicionar de esquerda” estará com uma “cosmovisão contrária ao Evangelho e os preceitos éticos e morais defendidos pela Assembleia de Deus”. O religioso também atribuiu à esquerda as pautas de “Desconstrução da família tradicional”, “Legalização total do aborto”, “erotização das crianças” e promoção da “censura à liberdade religiosa” das igrejas. Ele finaliza sua fala dizendo que Lula seria o “Laço do Diabo” e o PT significa “Partido das Trevas” (PODER360, 2022, *online*). Em uma dimensão mais ampliada do período eleitoral, podemos dizer que Dra. Silvana e Dr. Jaziel reproduziram o discurso que foi tomado como oficial por religiosos



da Assembleia de Deus. Na medida em que os candidatos vão nomeando seus inimigos e caracterizando as ameaças e os danos causados por estes, vão também se autoproclamando o remédio para esse quadro doentio.

A escolha de modalidades de discurso em uma campanha eleitoral está diretamente relacionada ao “tempo da política” (Teixeira; Chaves, 2004), momento em que os eleitores fazem suas escolhas políticas por meio do voto, considerando o que é socialmente relevante pela coletividade em um determinado momento (Palmeira, 2001). Neste caso, as campanhas eleitorais podem ser vistas como um rito de passagem que propiciam manifestações muito específicas: divisão do espaço social em dois lados que irão se opor nesse espaço tempo específico e adesões a um destes lados (Palmeira; Heredia, 1995).

Na perspectiva de Irllys Barreira (1998), o período eleitoral evidencia a política como um “ritual de representação”, cujas campanhas são caracterizadas pelo enfrentamento de candidatos em um jogo de disputas em que cada candidato tenta mostrar o quanto é melhor que o outro. Para a autora, as performances de candidatos fazem uso de sentimentos, crenças, ideais, ações, símbolos e de memórias que vão sendo agregados às campanhas e se transformando em discursos permeados por lágrimas, expressões de tristezas, de alegria ou de agressividade que passam a ter eficácia simbólica, incorporando valores à imagem de candidatos que funcionam como parte dos rituais políticos para garantir adesão junto ao eleitorado.

Neste aspecto, foco dos discursos está na capacidade do candidato de tocar no coração das pessoas com exacerbação da emoção (Miranda, 1999), materializando valores que serão associados a uma imagem de si como um candidato mais capaz do que os outros, gerando “autenticidade, falsidade e credibilidade de sentimentos” (Barreira, 2004 p. 84). Na prática, os sentimentos são trabalhados e representados dentro do campo da política (Bourdieu, 1997), com a finalidade de difundir positivo ou negativamente determinado candidato.

No contexto deste estudo, os sentimentos e as emoções são utilizados nos discursos para demonstrar os valores morais defendidos junto ao eleitorado evangélico, com foco em pautas moralizantes em defesa do controle da sexualidade, da família tradicional, contra a igualdade de gênero e políticas sociais ou em prol do endurecimento das políticas punitivas. Para tanto, os candidatos acionam mecanismos de “pânico moral”<sup>1</sup>

1 Uma condição, um episódio, uma pessoa ou um grupo de pessoas passa a ser definido como um perigo para valores e interesses societários; sua natureza é apresentada de uma forma estilizada e estereotipada pela mídia de massa; as barricadas morais são preenchidas por editores, bispos, políticos e outras pessoas de Direita; especialistas socialmente aceitos pronunciam seus diagnósticos e soluções; recorre-se às formas de enfrentamento ou desenvolvem-nas. Então a condição desaparece, submerge ou deteriora e se torna mais visível (Cohen, 1972, p. 9).

em seus discursos para se direcionar aos membros de suas igrejas e aos seus eleitores, cujos efeitos são sentidos na vida cotidiana das minorias.

De acordo com Miskolci (2017), o pânico moral é utilizado como uma estratégia contra as pautas “progressistas” (supostamente subversivas), propostas por partidos de esquerda ligados aos movimentos populares e de minorias, que avançaram em governos ditos de esquerda na América Latina. Neste sentido, o pânico moral é acionado na medida em que os valores da família tradicional, “no modelo como Deus constituiu” (Miskolci, 2019, p. 220), são ameaçados.

O acionamento das chamadas pautas morais (aborto, família, ideologia de gênero, dentre outros) utilizando-se de linguagem religiosa para capitalizar votos entre religiosos foi identificado no estudo de Silva *et al.* (2021)<sup>2</sup>, quando destacam que a união dos elementos religiosos com as pautas ditas conservadoras, alinhadas às pautas do então presidente Jair Bolsonaro, caracterizaram os discursos eleitorais de candidatos religiosos, sendo a imagem dos candidatos associada à imagem do ex-presidente.

Ao analisar as campanhas eleitorais para presidente de 2010 a 2018, Felix (2023) observa um alinhamento dos cristãos evangélicos à corrente política declarada de direita, na qual os temas religiosos vieram rondando as campanhas eleitorais de 2010, 2014 e 2018. O autor aponta que o tema religioso nas campanhas eleitorais surgiu em 2010, ganhou notoriedade em 2014 e consolidou-se em 2018 como inevitável em campanhas presidenciais. Felix chegou à conclusão de que o tema religião foi sendo consolidado ao longo das campanhas presidenciais de 2010 até 2018, tornando-se um importante fator capaz de influenciar o voto em par de igualdade a outros assuntos, tais como a economia e o salário-mínimo.

De acordo com Mourão (2023), a religião ganhou notoriedade em campanhas eleitorais pela disseminação de grupos bolsonaristas no *WhatsApp*, mobilizados na construção da imagem da esquerda como inimigo na campanha presidencial de 2018. O autor destaca que os bolsonaristas construíram uma representação social negativa das minorias sociais, com a intenção de instigar rancor, medo e ódio, sendo a desinformação um dos trunfos dos bolsonaristas que, ao disseminar falsas “verdades”, confortavam as pessoas dos grupos, satisfazendo, por meio de mitos, o desejo de participação da conveniência política dos grupos. Mourão apresenta os grupos bolsonaristas como sofisticado modelo de construção, controle e manipulação da opinião pública.

É importante destacar que, embora a linguagem religiosa apareça como estratégia para a adesão do eleitorado desde a redemocratização no Brasil, os estudos apontam que, a partir de 2018, a associação de evangélicos, católicos e conservadores com o bol-

2 Os autores analisaram os discursos de campanhas à reeleição de dois vereadores da Câmara Municipal de Fortaleza, a evangélica da Assembleia de Deus, Priscila Costa, do Partido Social Cristão (PSC) e o católico carismático, Jorge Pinheiro, do Partido da Social-Democracia Brasileira (PSDB), no pleito municipal de 2020.

sonarismo (Silva *et al.*, 2021; Felix, 2023; Mourão, 2023) incidiu num reformulado entrelaçamento entre religião e política no Brasil. Passemos então a análise dos discursos dos Candidatos.

## Os “abomináveis” em três signos

### *A esquerda*

A esquerda é o primeiro código significativo a ser analisado. Iniciamos com uma fala de Dra. Silvana, proferida no palanque do PL em que aparece ao lado de Jair Bolsonaro, colocando a esquerda como o primeiro inimigo da família - “Quem quiser destruir a sua família, passe pro lado esquerdo, porque aqui e do lado direito, no lado do 22 nós defenderemos a família no modelo de Jesus e acabou a história” (Palanque da convenção do PL no Ceará, postagem de 06/08/2022).

Dra. Silvana coloca o espectro político de esquerda como uma ideologia política que tem o intuito de destruir a família tradicional e conservadora, que, para ela, é também o modelo da família de Jesus. Embora essa comparação não seja expressa de forma literal, isso fica subentendido, uma vez que ela é cristã e os papéis do homem e da mulher são bem definidos como uma família heterossexual, exemplificada pelos integrantes José (pai), Maria (mãe) e Jesus (filho). Em seu discurso, essa composição familiar é a única composição verdadeira, excluindo os demais arranjos familiares. Neste caso, a candidata pauta a esquerda como destruidora do arranjo familiar por ela considerado legítimo, deixando de lado outros arranjos, como, por exemplo: pessoas divorciadas, mulheres que se tornam líderes de suas casas e assumem sozinhas a criação dos filhos, crianças que são criadas por avós e/ou tios ou as famílias formadas por pessoas LGBTQIA+.

Esta mesma fala ainda faz uma distinção entre direita e esquerda, separando politicamente os lados, reforçando o extremismo político. Aqui podemos identificar o que Butler (2015) denominou como “enquadramento de guerra”, que seria, na prática, uma generalização das diversidades existentes em cada grupo, antagonizando as posições políticas. Ou seja, os conflitos políticos-culturais que opõem moral religiosa como os novos arranjos familiares vão produzir polarizações e extremismos. Ao valorizar a família do modelo de Jesus, ela demonstra se contrapor aos demais arranjos familiares existentes.

Em outra publicação, os candidatos continuam reproduzindo a ideia de que a esquerda está a todo momento planejando um ataque contra a família.

Chegou a hora, meus irmãos patriotas! A esquerda continua planejando seus ataques para

destruir nossa nação e a família cearense. A nossa luta está longe de terminar e nós estamos com uma disposição ainda maior de lutarmos esse combate em prol de tudo aquilo que é bom.

Não podemos titubear! Vamos à luta em defesa dos valores conservadores que são tão caros ao povo do Ceará: família, vida e liberdade!

Brasil acima de tudo, Deus acima de todos! (Postagem de 10/08/2022).

Nesse trecho, observamos uma carga de emoção para motivar seus eleitores, fazendo uma convocação para uma luta a ser travada, uma espécie de chamado aos “irmãos patriotas”, que não está explicado quem são, mas subentende-se que sejam os membros da igreja dela e os outros apoiadores que são cristãos, além da adjetivação “patriotas”, expressão cunhada aos seguidores de Bolsonaro. No início da campanha, nos perguntamos sobre que luta era essa que a candidata estaria travando, indagação que foi sendo explicitada no decorrer da campanha, uma vez que os ataques aos seus oponentes e adjetivação destes como “inimigos” era sempre acionada para os candidatos se autoproclamarem como salvadores.

Os “valores conservadores” que estão escritos, até esse momento da campanha, não foram explicados, mas fica evidenciado que busca conservar padrões da sociedade expressos em “família, vida e liberdade”. Ou seja, trata-se da conservação dos valores tradicionais ou padrões morais estabelecidos no âmbito familiar. A expressão da vida pode ser entendida pela representação da defesa de pautas antiaborto, que ganhou destaque pelo modo como o aborto incita pânico moral, e a liberdade pode ser entendida por pautas liberais ou pela liberdade de expressar a religião deles. De todo modo, a preservação de valores tradicionais como bandeira de luta e de estratégia de adesão do eleitorado parece apresentar um momento de tensão social entre defesa de valores que, segundo os candidatos, devem ser preservados, e as mudanças sociais, nos relacionamentos e na dinâmica social que impulsionam reconfigurações e reordenamentos sociais, que colocam em questão tais valores, devem ser rechaçados.

Estas questões nos levam a um questionamento, ainda que incidental, aqui, sobre o significado de “ser de esquerda”. Norberto Bobbio (1995) relatou que, desde a Revolução Francesa, categorias direita e esquerda têm sido desenvolvidas em conflitos políticos, muitas vezes, especificamente em relação a determinados conceitos, como de liberdade, um valor que, paradoxalmente, é defendido por ambas as posições (Moreira, 2023). Tais conceitos não têm uma natureza absoluta ou ontológica, mas sim, relacional e posicional, fazendo emergir partidos políticos “que são simultaneamente excludentes e abrangentes em conjunto” (Bobbio, 1995, p. 31).

Assim, a identidade da esquerda reside na oposição à direita e, opostamente, numa dinâmica dialética. No entanto, afirmar que não se assemelham a essências fixas não significa reduzi-las a simples símbolos sem significado. Em contrapartida, enquanto

a direita tradicionalmente defende a liberdade individual e a naturalização de hierarquias sociais, justificadas como inevitáveis ou divinas, a esquerda se define como um campo que busca unir a emancipação política à redistribuição da riqueza material, unindo liberdades formais à democratização de recursos e possibilidades (Moreira, 2023).

Ao serem percebidos como “tipos ideais”, os conceitos de esquerda e direita estão intrinsecamente ligados a determinados contextos históricos. Dito de outro modo, as categorias não são estáticas, mas sim construções dinâmicas cujos contornos se alteram de acordo com as lutas e mudanças sociais. Em termos gerais, a esquerda costuma valorizar a igualdade como princípio estruturante, enquanto a direita frequentemente associa-se a um ceticismo em relação à sua importância central - não necessariamente negando-a totalmente, mas subordinando-a a outros valores, como a liberdade individual ou a tradição (Moreira, 2023).

No contexto histórico brasileiro, só houve um governo tipicamente de esquerda: o período de João Goulart (1961–1964). Já os governos de Lula e Dilma não foram de fato de esquerda. Contudo, foi preciso uma manobra para que se polarizassem direita e esquerda no Brasil, numa perspectiva de guerra. A questão importante a pontuarmos é que esses dois governos, de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2011) e de Dilma Rousseff (2011-2016), foram, no máximo, sociais liberais, mas não de esquerda, haja vista que o Partido dos Trabalhadores (PT) sucumbiu ao dito “lulismo”. Este se configuraria como um modelo inédito de mediação dos conflitos entre capital e trabalho, combinando, em sua base, a atenuação das tensões sociais (diminuindo aos poucos a participação social da população) e, em sua estrutura, a incorporação estratégica de lideranças sindicais aos mecanismos estatais, conforme analisa Oliveira (2010).

Este fenômeno simbolizaria um tipo único de dominação no contexto brasileiro - uma “hegemonia paradoxal” -, vista como um acordo político que, embora tenha permitido progressos sociais restritos, possibilitou a acumulação intensiva de capital em contextos periféricos. Tal dinâmica só seria possível sob uma liderança carismática, apta a combinar discursos do povo com a preservação de estruturas econômicas assimétricas (Moreira, 2023; Oliveira, 2010).

Feito este esclarecimento, voltamos para os discursos dos candidatos objeto desta análise: estes se colocam como os representantes da religião, como a voz que expressa o sentimento religioso. Weber (1979) já havia anunciado que as religiões universalistas, como a dos candidatos, procuram direcionar os sentimentos religiosos de salvação interior, os códigos morais são diferentes dos instituídos, o que, segundo Weber, origina o “cruzado”, que seria esse fervor religioso em busca de uma guerra justa contra os culpados.

Neste caso, a candidata é a voz de um grupo de pessoas que se sente ameaçado

e em crise. Para ela, é como se todos os valores que o grupo acredita estivessem sob ameaça, gerando um sentimento de medo. A ameaça é gerada pelo pânico, como se todos os valores sociais estivessem em jogo e seus defensores tomados pela iminência do ataque. Neste caso, os medos sociais podem ser manipulados no intuito de conter os avanços sociais.

Durkheim (1989) afirma que a tradição se aproveita dos fatos sociais para gerar conforto, ou seja, a Dra. Silvana utiliza-se de um discurso que evoca a manutenção dos valores da tradição aos quais está vinculada para se contrapor aos avanços dos direitos sociais. Ela é pertencente a uma igreja evangélica com papéis sociais bem estabelecidos, onde a identidade social é o cristianismo e este supostamente entra em conflito com as chamadas pautas sociais que, em seu entender, estaria transformando a sociedade, sob a tensão gerada pela religião e a sociedade moderna.

Em outra postagem, ainda na perspectiva de explicitar o que seja à esquerda, Dr. Jaziel apresenta o modo como a esquerda está agindo nas universidades:

As nossas instituições, as universidades, elas foram invadidas por ensinamentos do Marxismo, do marxismo cultural, o marxismo do ensinamento do ensino é o perigo, você não conquista pessoas batendo. A guerra também não dá porque morre gente, morre de um lado e morre do outro. Agora, ensinando, o negócio muda, porque o ensino fica, para o bem ou para o mal. Então foi isso que aconteceu. Eles entraram nas universidades, invadiram as universidades, todo esse povo que influencia hoje o Brasil e América do Sul, principalmente o Brasil, foi um povo que foi instruído na universidade.

Contra Deus

Contra a família

Propagando o feminismo

A favor do aborto

A favor da liberação de drogas

A favor do discurso de ideologia de gênero

Eles podem fazer o que quiserem, mas nós temos a obrigação de reagir, porque isso não pode acontecer, isso a Bíblia condena. Para que nós possamos ser realmente representantes desta igreja, nós não podemos estar de braços cruzados. Deus para eles tem que ser o Estado, mas o Estado não é Deus. Deus é o criador de todas as coisas. O nosso Senhor, o nosso pai, ele é o nosso Deus!! (Postagem de 26/08/2022).

Em sua fala, Dr. Jaziel afirma que só tem gente de esquerda nas universidades e que essas pessoas introduzem uma maneira de pensar de esquerda, denominada por ele, de “marxismo cultural”. Neste caso, as universidades seriam as responsáveis por introduzir a doutrinação dos alunos “contra Deus, contra a família e propagando o feminismo, a favor do aborto, a favor da liberação de drogas, a favor do discurso de ideologia de gênero”. Segundo o candidato, a esquerda estaria manipulando as mentes dos alunos e implantando ideias totalmente contrárias à Bíblia.

Além disso, no discurso de Dr. Jaziel, é possível identificar o que Mariano (2022)



denominou de “novo ativismo político-religioso” que, nesse caso, confirma o direcionamento para uma direita evangélica que tem justamente a intenção de impactar os rumos da democracia na América Latina (Guadalupe, 2018). Este seguimento político-religioso, com inspiração norte americana, acredita na inerrância da Bíblia e, assim como nos Estados Unidos da América, “combateram o aborto, a homossexualidade, o feminismo, a educação sexual entre as décadas de 1920 e 1950, opuseram-se ao *New Deal*, atacaram socialistas e ativistas sindicais e embarcaram na campanha anticomunista do governo” (Mariano, 2022, p. 202). Igualmente, no Ceará, tais grupos também reproduziram parâmetros semelhantes, além de difundir que a esquerda prega o tal “marxismo cultural” nas instituições de ensino, onde se divulga uma ideologia progressista.

Os candidatos, Dra. Silvana e Dr. Jaziel, compreendem que a sociedade está comandada por valores de esquerda, e que por isso eles precisam lutar contra tal dominação por meio da persuasão e pelo consenso. Aqui, o conceito de hegemonia cunhado por Gramsci e readaptado a uma visão conservadora, pode ser utilizado pela luta travada pelos valores. O conceito de hegemonia em Gramsci não contempla simplesmente uma simples coesão, mas também uma direção cultural fruto de um consentimento social consciente, assim como a superação de normas morais e regras de conduta social (Gramsci, 2002). É possível observar essa preocupação dos candidatos em luta por preservação de valores culturais religiosos, na verdade, o avesso do que propunha Gramsci, não de superar normas morais, mas, sim, preservá-las.

A fala é encerrada pelo chamamento à reação, defendendo a necessidade de reagir a tudo que se mostra como progressista. Dentre as pautas, estão os avanços em relação aos direitos sexuais, à igualdade de gênero, à educação sexual nas escolas e aos avanços concernentes à ação do Estado como um empecilho aos valores conservadores. No final da fala, Dr. Jaziel ainda compara o Estado a Deus, dando a ideia de que o que está acontecendo é uma caracterização do Estado como Deus, pelo tamanho de atuação contrária às tradições religiosas.

Em outra postagem, em formato de vídeo, na legenda, os candidatos afirmam a existência de ação da esquerda para dominar as igrejas.

Os comunistas não param com suas artimanhas diabólicas sagazmente elaboradas. O plano escancarado de infiltração nas igrejas é apenas mais uma aplicação da estratégia Gramscista a qual o PT assumiu como versão de marxismo ainda em sua fundação. É o que ocasionou a criação da Teologia da Libertação (Postagem de 01/09/2022).

O trecho é uma crítica à esquerda e ao PT, ao afirmarem que tanto a esquerda quanto o PT conspiram a todo momento, elaborando estratégias maliciosas contra as igrejas. Segundo os candidatos, até as igrejas estão aplicando uma estratégia Gramscista. Essa estratégia é atribuída a Antonio Gramsci, um teórico marxista, que pensou a

revolução partindo de uma conquista da hegemonia cultural. O trecho escrito sugere que o PT adotou essa versão do marxismo desde sua criação e que a forma de penetrar nas igrejas foi por meio da Teologia da Libertação, que se infiltrou dentro da Igreja Católica, ensinando princípios cristãos com análises sócio-políticas inspiradas no marxismo. O texto sugere, ainda, que o PT e os comunistas estão usando a Teologia da Libertação como uma ferramenta para promover suas ideias dentro das igrejas, seguindo a estratégia Gramscista de alcançar influência cultural, e ideologicamente criando planos engenhosos e maliciosos. Os candidatos apontam que essa é uma artimanha do Diabo, depois que o Manifesto Comunista deixou claro o plano para acabar com a igreja.

Na medida em que caracterizam seus inimigos, os candidatos também se auto-proclamam representantes dos cristãos, como destaca Dra. Silvana:

É muito interessante, o movimento LGBT tem seus representantes, os sem-terra também tem seus representantes, movimento feministas tem seus representantes, aí o cristão, quando é pra ser cristão ele é pra ser cristão em qualquer lugar, menos ali na Assembleia Legislativa, então vão procurar a turma deles, porque a nossa turma, a turma de cristãos tem essa representante, eu sei perfeitamente ser cristã na Assembleia Legislativa (Postagem de 20/09/2022).

A fala é expressa em tom de deboche, fazendo certo tipo de reconhecimento das conquistas das minorias, transparecendo a ideia de que elas têm bastante espaço para defender os seus direitos e, justamente por isso, os cristãos também devem ter a sua representação na Assembleia Legislativa. Tal posição enuncia um certo tipo de combate à ideia de que os cristãos não deveriam ter participação porque feririam o princípio da laicidade do Estado.

Referida candidata se coloca como essa pessoa que representará todos os cristãos no âmbito da esfera pública, deixando claro que colocará propostas com viés cristão em sua atuação como deputada estadual. Ela conclui o trecho com a fala – “vão procurar a turma deles”, colocando às claras a divisão entre nós (cristãos) e eles (outros grupos mencionados), indicando uma distinção entre uma identidade cristã, de forma totalmente separada dos outros grupos, sendo ela a única capaz de ser a representante cristã nesse ambiente, ao mesmo tempo em que deixa transparecer que, embora existam outros cristãos na Assembleia, eles não sabem ser cristãos.

Podemos compreender o sentido das falas analisadas como uma mostra da ativação de uma agenda moral, corroborando com o que Vital da Cunha (2017) afirma: que os políticos evangélicos, quando fazem essa ativação, têm o objetivo de agregar maior capital político para poderem eleger-se, manipulando uma agenda que atenda a seus interesses econômicos e a de grupos que pensam de forma semelhante. O que observamos é um comportamento considerado como extremista, caracterizado pela prática de

diversos tipos de violências em decorrência da intolerância dos seus discursos, que culminam na produção de vários conflitos no intuito de barrar o avanço de alguma agenda referente às minorias (LGBT, mulheres, negros, indígenas, quilombolas) (Vital, 2017).

De acordo com a pesquisa do Instituto Datafolha (2020), os católicos representam 50% e evangélicos 31%, respectivamente, da população brasileira, dado que revela a prevalência das religiões cristãs na sociedade brasileira. No entanto, os representantes evangélicos nos poderes legislativos são os mais atuantes, pois têm buscado desenvolver na cultura brasileira um certo tipo de “cultura pentecostal” (Cunha, 2017), diluída na sociedade mediante a aprovação de projetos legislativos com viés religioso. A entonação do discurso de Dra. Silvana é parte do início do ritual de representação (Barreira, 1998), em que ela se coloca como a representante dos cristãos e se autodeclara uma representante legítima desse grupo, encarnada no papel de porta-voz, e que outros não fazem adequadamente a representação dos valores conservadores cristãos. Neste aspecto, ela se insinua como a melhor opção de voto, sinalizando “a magia transferencial da representatividade” (Barreira, 1998, p. 39).

## **Lula**

Antes de enfatizarmos outra visão da tríade, fortemente rejeitada pelo casal evangélico, é crucial ponderarmos sobre algumas questões relacionadas à grande divergência de interpretações sobre o período de governo liderado por Luiz Inácio Lula da Silva, iniciando pela própria categorização do fenômeno. Um segmento da literatura especializada denomina esse período como “lulismo” (Moreira, 2023). Contudo, alguns estudiosos contestam a definição, considerando-a como uma atribuição excessivamente individual a um projeto coletivo, resultante da junção de várias forças sociais e movimentos organizados (Guimarães, 2013). Este debate acerca da terminologia mostra como o conceito em questão está imerso em polarizações. Seria válido questionar: as políticas desenvolvidas nos governos de Lula efetivamente ampliaram direitos e condições justas para a classe trabalhadora, ou se transformaram em um instrumento de acomodação das demandas populares, ajustando-as aos interesses das elites e perpetuando as estruturas de poder? (Moreira, 2023).

Neste artigo, acreditamos na tese que o lulismo, embora fundamentado numa demanda do Partido dos Trabalhadores, perpetuou o que Oliveira (2010) classificou como “Hegemonia às Avessas”. Este fenômeno foi classificado como um projeto político neoliberal, que passou a desmobilizar movimentos sociais, minando resistências populares e favorecendo um *modus operandi* de acumulação capitalista (Oliveira, 2010), inviabilizan-

do, dessa forma, a democratização do País.

Embora esse fenômeno seja delimitado aqui, é importante destacarmos que os partidos de direita no contexto brasileiro, principalmente os da bancada evangélica, como o do casal, o PL, desenvolvem uma polarização, com esteio em um maniqueísmo de bem contra mal, e esse mal seria tudo que gira em torno do demônio: ora PT, ora Lula, ora o comunismo, funcionando como sinônimos de uma mesma causa a ser combatida.

Desta maneira, é reconstruída no cenário das eleições à presidência, em 2022, o outro inimigo: o então candidato Luiz Inácio Lula da Silva, que, pela importância que os candidatos evangélicos deram ao combate, passa a ser atacado, o que resulta na transformação de Lula como um dos maiores inimigos. Em uma postagem, Dra. Silvana e Dr. Jaziel empregam bastante emoção para mobilizar seus eleitores com uma publicação intitulada: “Lula quer acabar com lei da ficha limpa”:



Lula, que foi descondenado pelo STF (não inocentado de seus crimes), quer se eleger presidente para acabar com a Lei da Ficha Limpa, que impede corruptos, como ele, de se elegerem. Ao mesmo tempo, ele quer tornar a vida de narcotraficantes mais fácil. É o candidato

da “facção diabólica”!

Contamos com seu voto para continuar lutando contra essas sucessivas tentativas da esquerda de querer transformar o Brasil numa nova Venezuela.

É ele lá e ela aqui! (Legenda da imagem, Postagem de 19/08/2022).

Os escritos demonstram a utilização de linguagem de guerra em termos de combate, ataques, destruir, lutar, defesa, fazendo os candidatos se apresentarem como aqueles que vão barrar todos os projetos da esquerda em níveis nacional e estadual, sendo “ele lá e ela aqui”, ou seja, o candidato federal luta no Legislativo Federal e a candidata estadual luta no âmbito estadual.

É importante identificar os elementos aqui expostos, com várias acusações a Lula, como “ladrão” ou candidato da “facção diabólica”, aquele que vai transformar o Brasil numa Venezuela. A publicação destaca, ainda, uma opinião negativa do candidato da esquerda, sugerindo que as acusações contra ele foram anuladas e que ele, na verdade, teria muito mais crimes do que os já anulados. Afirma ainda que, ao assumir a Presidência da República, Lula acabaria com a lei que regulamenta candidaturas de pessoas condenadas por crimes e, ainda, insinua que ele facilitaria a vida dos narcotraficantes, dando a entender que Lula teria ligações com o narcotráfico. Ainda no final da postagem, há um chamamento dos eleitores para votarem neles contra Lula e a esquerda para evitar tais complicações, confirmando o plano de poder (Macedo; Oliveira, 2008) e a teologia do domínio (Mariano, 2003).

Aqui é possível identificar a teologia do domínio, quando é utilizada como argumento de afirmação para ‘dominar a terra’, expressadas na luta do “cristão contra o diabo” (Mariano, 2003), este transfigurado em Lula, ao ser demonstrado o quanto ele está possuído e, por este motivo, sendo o candidato da “facção diabólica”. Esta formulação converte-se, assim, em uma chamada ao poder do voto, seguindo as orientações do plano de poder de não perder “a oportunidade de promover mudanças por meio do poder do voto racional, ou seja, consciente” (Macedo; Oliveira, 2008, p. 15).

Destacamos outro discurso proferido dois dias depois ao demonstrado anteriormente, que traz uma fotografia, lado a lado, de Bolsonaro, à direita, e Lula, à esquerda, e abaixo de suas imagens, o seguinte enunciado: “URGENTE! TSE nega pedido de Lula para Bolsonaro excluir postagem em que relaciona PT e PCC”:





O TSE, de maneira correta, negou o pedido de Lula para que o presidente @Bolsonaro excluísse postagem em que citava a relação entre o PT e a facção criminosa Primeiro Comando da Capital (PCC), exposta por Marcos Valério, que dissera em delação premiada que o partido de Lula possuía um relacionamento com a Facção.

A verdade não pode ser suprimida. Parabéns ao TSE por negar o pedido de Lula. Vocês sabem quem não pode voltar a cena do crime (Legenda da imagem, postagem de 21/08/2022).

A ideia que os dois candidatos transmitem no início é de apoio à decisão do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) de rejeitar o pedido de Lula para que Bolsonaro removesse uma postagem em que fazia uma associação entre PT e Primeiro Comando da Capital - PCC (facção criminal paulista), com base em delação premiada feita por Marcos Valério, insinuando que Lula seria criminoso. Por outro lado, podemos perceber o quanto os candidatos querem demonstrar aos eleitores a figura de Lula como criminoso, reafirmando os motivos que levaram ao *Impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff, em 2016.

As falas identificando Lula como ladrão, por meio das quais também estabelece associações da sua imagem com o marxismo, além de fazer ilações de associações espúrias com ditadores, se repetem em várias postagens, como nesta em formato de vídeo, em que Dr. Jaziel, ao que parece, dentro de uma igreja, segue atacando Lula:



No Manifesto Comunista, Marx deixou muito claro que o socialismo-comunismo não poderá ser implementado numa nação sem que a religião seja extinta. Na prática, a história prova que os alunos de Marx levaram a cabo em maior ou menor medida as suas orientações. Os países da extinta Cortina de Ferro, a antiga União Soviética; atualmente, a Venezuela e Nicarágua, a China e a Coreia do Norte, todos estes países comunistas perseguiram ou perseguem cristãos e proíbem a fé cristã em algum grau. E o PT se inspira e se alia com esses países. O que esperar com a eventual possível volta de Luladrão? Certamente não negociarei minha fé! Não deixarei de anunciar que Jesus Cristo é Senhor, ainda que isso me custe a própria vida (Postagem do Instagram, 21/09/2022)

No discurso, existe a expressão negativa e acusatória sobre líderes de esquerda e marxistas, acusando-os de fazer perseguição religiosa como uma prática típica de tais lideranças. A postagem é finalizada identificando, pejorativamente, Lula de “Luladrão” e o PT de “Partido das Trevas”. O trecho faz uma associação entre as práticas antirreligiosas à esquerda, trazendo notícias falsas para enriquecer o repertório de que Lula é responsável por vários escândalos de desvios de verba e da desmoralização do Brasil, elegendo-o como culpado para jogar todas as mazelas e acrescentar às suas motivações para uma nova reação (Burity, 2018), com a intenção de desqualificar o oponente.

Dr. Jaziel faz uma sequência de acusações, considerando que o PT segue os princípios do Manifesto comunista no Brasil, relacionando-o à perseguição religiosa. A orientação é de que a religião precisa ser eliminada para se implantar o socialismo, que foi assim em várias partes do mundo e que o PT tem alianças com eles. Já no final, o candidato declara-se com uma firme determinação em manter e proclamar sua fé cristã, mesmo diante de possíveis perseguições. A mensagem apela à defesa da fé cristã contra essas supostas ameaças. Por outro lado, é possível observar o apelo aos sentimentos, desqualificando o opositor, dando credibilidade aos sentimentos cristãos de defesa da fé numa instituição de representação pública, construindo toda a “representação social” do que é o outro e do que são eles, acentuando a disputa e acumulação de capitais tanto político quanto simbólico dentro do campo da política (Bourdieu, 1997).

Os candidatos, para além das acusações a Lula como perseguidor da igreja, disparam também contra os ativistas dos movimentos sociais e artistas militantes, que estariam defendendo um ditador ao reduzir o sentido de democracia à pessoa de Lula:



Isso que é democracia pra eles??

Observe a linguagem de toda a classe de ativistas, mídia e artistas militantes. Para eles, democracia é sinônimo de Lula. Em outras palavras, parece a linguagem das ditaduras pelo mundo que se autoproclamam democracias e devem assim ser aceitas pelo povo escravizado.

A linguagem é típica de revolucionários!! Ainda não percebe o risco que estamos correndo quem não quer ( Postagem de 23/09/2022).

A crítica à esquerda se amplia com o destaque dado aos ativistas que apoiam Lula. É interessante salientarmos que a fotografia traz a imagem da professora Debora Diniz que é antropóloga, professora da Universidade de Brasília (UNB), pesquisadora de temas relacionados à ética na ciência e direitos humanos, ou seja, não é uma intelectual desconhecida, mas, sim, uma cientista reconhecida e de renome tanto nacional quanto internacional. Ao ser estabelecida a associação da imagem dela à de Lula, a intenção é passar a ideia subentendida de que a classe de cientistas apoia Lula e o “nós” são contra a ciência.

Além da fotografia, a parte escrita inicia-se questionando a definição de democracia usada pela cientista, associada ao próprio Lula. Segundo os candidatos, isso é algo

característico dos revolucionários, mais uma vez insinuando que existe uma agenda revolucionária por trás de todas as ações da esquerda. No final, os candidatos concluem que se seus eleitores não conseguirem enxergar o risco iminente, estarão fadados à escravidão pela esquerda, sugerindo que essa visão representa um risco revolucionário e autoritário para a verdadeira democracia defendida pelo casal de candidatos.

Outra postagem que consideramos relevante, embora sendo um pequeno trecho, contextualiza o clima no período final da campanha, postada um dia antes da votação. Dra. Silvana finaliza a campanha dizendo que Lula defende a matança de bebês: “Ah, e também não esqueça daqueles que defenderam a matança de bebês no ventre materno (mostra o Lula dizendo que é a favor do aborto)” (Postagem de 01/20/2020).

É possível observar uma escalada de críticas a Lula, acusando-o de apoiador do aborto, tendo como suporte das críticas a utilização de uma linguagem apoiada em um tom sarcástico, quando a candidata mostra um trecho de uma fala em que Lula se posiciona em “defesa do aborto”. Dra. Silvana afirma categoricamente aos seus eleitores que ele defende “a matança de bebês no ventre materno”, valendo-se de uma linguagem emocional e acusatória para expor essa posição de forma negativa. Desse modo, podemos perceber como as acusações foram beirando a radicalização, iniciando de maneira menos incisivas, mas ganhando proporções maiores, alcançado o seu ápice um dia antes da votação, com acusações contra Lula, de apelo moral extremo aos eleitores do campo evangélico, como o tema do aborto.

## ***Feminismo***

O feminismo é o terceiro inimigo nomeado pelos candidatos. Embora já tenha sido citado em outros momentos, nesta seção, destacamos os aspectos mais emblemáticos em que o feminismo ecoa como um inimigo, estando diretamente relacionado a algo danoso à família – aquela conforme o modelo preconizado pelos candidatos como legítimo, como destacado neste trecho de uma postagem feita por Dr. Silvana em formato de vídeo: “O feminismo foi criado para destruir a minha e a sua família, mas aqui em casa não tem disso não. Aqui em casa tem a Bíblia Sagrada, tem Pedro que diz ‘semelhantemente vós mulheres sede submissas aos vossos próprios maridos’” (Postagem de 15/09/2022).

A candidata inicia sua postagem afirmando que o feminismo tem como objetivo desestruturar as famílias tradicionais, voltando ao que ela anunciou no início da campanha sobre as ameaças à família. Embora não fique claro como se dará essa destruição do núcleo familiar, Dra. Silvana enfatiza que a ideologia feminista não é aceita na casa dela porque lá tem a Bíblia Sagrada e seus ensinamentos são os seus guias, concluindo com

um trecho bíblico que coloca a esposa em um estado de submissão ao marido, e, sendo este a natureza e o papel da mulher.

Na visão conservadora de Dra. Silvana e dos demais religiosos da Assembleia de Deus, o feminismo é prejudicial à família tradicional (pai, mãe e filho) ao se contrapor ao fato de que a sexualidade é fruto da natureza humana e que a heterossexualidade seja lida como ordem natural de ser, repercutindo na existência da orientação sexual e dos papéis socialmente atribuídos para homens e mulheres. Neste sentido, a defesa insistente do modelo nuclear de família por grupos religiosos é destacada em função desse modelo funcionar como matriz organizadora das posições e papéis do gênero masculino e feminino (Mendonça; Moura, 2019). A candidata, portanto, atua como uma empreendedora moral, que aciona seus instrumentos políticos discursivos (Scala, 2010) como uma contraofensiva ao feminismo, uma obsessão não somente da Igreja Católica, mas também de representantes evangélicos, por meio de uma gramática transnacional (Miskolci, 2017).

Assim como os dois outros “inimigos” anteriormente analisados, as feministas são identificadas como inimigas a ser combatidas por meio da lógica do “eles contra nós”. O intuito dos candidatos é construir uma representação simbólica do inimigo para ser transmitida aos seus representados, quando, ao mesmo tempo, se colocam como seus representantes contra qualquer pauta que esteja em desacordo com seus ideais. Neste sentido, destacamos a legenda de uma postagem em formato de vídeo:

Quando revejo este vídeo, lembro pelo que tenho lutado e me encho de forças para continuar lutando contra essa abominação que é o Feminismo. O Feminismo não ajuda as mulheres nem quer ajudar. Consiste apenas em revolução sexual e desconstrução da verdadeira beleza feminina e da família. Peço seu voto para continuar essa batalha em defesa da vida, da família e da liberdade, ajudando Bolsonaro mais uma vez (Postagem de 15/09/2022).

O texto da postagem continua expressando a opinião da candidata fortemente contrária ao feminismo, razão pela qual a motiva a continuar sua luta contra essa “abominação”. Para a Dra. Silvana, o feminismo não traz benefícios e conquistas as mulheres, pelo contrário, para além da destruição da família, a beleza feminina também estaria sendo tirado das mulheres. A mulher, aqui, parece possuir uma essência, uma identidade fixa e imutável a qual o feminismo estaria empenhado em destruir. Embora apareça de maneira tangencial, uma das críticas feitas ao feminismo por setores aqui representados pelos candidatos, é a defesa da vida, o que as feministas seriam contra por defender o aborto. Deste modo, ela aciona o pânico moral como dispositivo que cria proximidade e identificação com seu eleitorado, objetivando a construção de vínculos. Dra. Silvana conclui a postagem conclamando apoio eleitoral para continuar sua luta em defesa de valores que, para ela, estão associados à vida, família e à liberdade. A partir

desta formulação, o casal de candidatos justifica o seu alinhamento e apoio ao então candidato à reeleição para presidente, Jair Bolsonaro.

No discurso dos candidatos, o apelo emocional constantemente é acionado, criando uma sensação de urgência e perigo iminente. Observamos que assim é construída a polarização, dividindo a sociedade entre os “defensores da família” e os “inimigos da família”, “nós e eles”, deixando bem claro a defesa da família pela direita e demonizando o que é de esquerda, com o intuito de fortalecer a identidade evangélica de grupo. Essa estratégia, na verdade, quer criar uma identidade cristã única, unindo evangélicos e católicos em torno de um ideal comum. Por conta disso, em vários momentos, o repertório discursivo do casal utiliza versículos bíblicos, figurações religiosas e símbolos nacionais, tais como a bandeira do Brasil e a criação de um lema (“Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”), para atrair apoiadores e reforçar um ideal de patriotismo por meio do qual criou-se uma batalha moral e ideológica em que sempre são colocados os seus próprios fundamentos morais como inquestionáveis.

Podemos afirmar que “o desejo de controlar os corpos (principalmente os femininos) e a sexualidade pela religião é antiga e não é exclusividade da igreja evangélica” (Dip, 2018, p.134). Entretanto, “os temas morais são o que unem os parlamentares evangélicos independentemente do partido” (Dip, 2018, p. 50). A defesa da vida, a destruição da família e a revolução sexual são temas caros ao feminismo e que são mobilizados pelos atores aqui analisados como instrumento de ataque a tudo aquilo que se coloque contra seus ideais de feminilidade e família e justificam essas ideias com fundamento na sua religião e na Bíblia.

Nesse sentido, percebemos uma convergência de ideias entre o discurso de Jair Bolsonaro, dos candidatos e de outras figuras que ganharam destaque no cenário político brasileiro. Citamos, como exemplo, Michele Bolsonaro, ex-primeira-dama e crítica do feminismo, que em um evento do PL afirmou que “o papel da mulher é ajudar o marido” e ainda propõe “uma política feminina e não feminista” (Carta Capital, 2024, *online*). Além da crítica ao feminismo, vemos uma convergência das falas de Michele Bolsonaro e da Dra. Silvana sobre o papel de submissão feminina. Um outro ator que merece destaque é o deputado Nikolas Ferreira (PL), que afirma enfaticamente que as mulheres estão “perdendo espaço para homens que se sentem mulheres”, se referindo a mulheres trans. Neste caso, a ideia endossada é a de que o feminismo não estaria ajudado mulheres, como prometido, pelo contrário, o movimento estaria tirando espaços da mulher “de verdade”. Além da convergência de discursos, vemos que, tanto Michele como Nikolas utilizam-se de preceitos religiosos como sustentação de suas posições, mostrando a relação entre política e religião e como, apesar da laicidade do Estado, encontra-se presente no cenário político-governamental atual.

## **Considerações Finais**

Ao longo deste texto, percebemos que a análise dos discursos de Dra. Silvana e Dr. Jaziel destaca uma dinâmica totalmente imersa numa intersecção entre religião, política e identidade. Ao apresentar “os abomináveis” - esquerda, Lula e feminismo -, os candidatos não apenas conquistaram o afeto do seu público, como, também, construíram uma narrativa de terror, polarização e guerra. Embora essa artimanha seja eficiente na coleta de votos, ela expõe fraturas sociais que ultrapassam os limites das urnas, afetando o tecido das relações humanas e a ideia de coexistência democrática.

A demonização do “outro”, independentemente de sua posição política, ideológica ou cultural, não se restringe a uma manifestação retórica. Ela ressoa no cotidiano, estigmatizando grupos já marginalizados socialmente, convertendo diferenças em barreiras insuperáveis. Ao vincular pautas progressistas ao demônio, líderes religiosos e políticos não estão apenas lutando por votos, mas também reconfigurando o que é aceitável ou reprovável na sociedade. Isso resulta em consequências objetivas: o silêncio das famílias LGBTQIA+, a criminalização das mulheres por lutar por direitos e comunidades inteiras reduzidas a caricaturas de “ameaças”.

Este trabalho também nos instiga a refletir sobre o devir ético da fé no contexto público. Em seu âmago, a religião possui potências de acolhimento e solidariedade. Contudo, quando manipulada como instrumento partidarista, pode dividir o que deveria unir. A defesa de uma “família tradicional” ou mesmo dos “valores cristãos” necessariamente precisa ser excludente na ótica política-ideológica; haja vista que não existe espaço para uma convivência com o respeito à diversidade que caracteriza uma sociedade democrática.

Enfim, este estudo não se restringe a um diagnóstico de ações eleitorais, mas, também, funciona como um aviso. A retórica do “inimigo” não está restrita ao Ceará ou a 2022; é sinal de uma degradação mundial, em que a intolerância se traveste de convicção, afeto e guerra. Resistir a esse fenômeno vai além da crítica acadêmica; requer diálogo, escuta e a bravura de identificar humanidade até mesmo naqueles que nos opõem. No final das contas, num mundo cada vez mais polarizado entre Deus e Demônio; Capitalismo e Comunismo; Bem e Mal; Lulismo e Bolsonarismo, a verdadeira vitória não reside na demonização, mas na habilidade de reconhecer, além das linhas de frente, rostos, histórias e dignidades comuns.



## Referências

- ALMEIDA, Ronaldo de. A religião de Bolsonaro: populismo e neoconservadorismo. In:
- AVRITZER, Leandro; KERCHE, Fábio; MARONA, Marjorie (org.). *Governo Bolsonaro: retrocesso democrático e degradação política*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARREIRA, Irllys. *Chuva de papéis: ritos e símbolos de campanhas eleitorais no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1998.
- BARREIRA, Irllys. A expressão dos sentimentos na política. In: TEIXEIRA, Carla Costa; CHAVES, Christine de Alencar (Org). *Espaços e tempos da política*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004, p. 64-90.
- BÍBLIA. *Bíblia Sagrada*. (Tradução Holy Bible Portuguese). Utah, EUA: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias Salt Lake City, 2015.
- BOBBIO, Norberto. *Direita e Esquerda razões e significados de uma distinção política*. Unesp, 1995.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Papirus editora, 1997.
- BURITY, Joanildo. A onda conservadora na política brasileira traz o fundamentalismo ao poder. In: ALMEIDA, Ronaldo; TONIOL, Rodrigo. *Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos: análises conjunturais*. Campinas: Editora da Unicamp, 2018, p. 15-66.
- BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?*. Civilização brasileira, 2024.
- CAMURÇA, Marcelo Ayres. A questão da laicidade no Brasil: mosaico de configurações e arena de controvérsias. *Horizonte: revista de estudos de teologia e ciências da religião*, v. 15, n. 47, p. 855-886, 2017.
- CARRANZA, Brenda. *Apresentação erosão das democracias latino-americanas: a ascensão política dos cristãos*. Ciencias sociales y religión, v. 22, p. 1-17, 2020.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso político*. 2ªed. São Paulo: contexto, 2011.
- COHEN, Stanley. *Folk Devils and Moral Panics London: MacGibbon and Kee*. Coloroso, B. (2008). The bully, the bullied, and the bystander: From preschool to high, 1972.
- CUNHA, Christina Vital. "Televisão para salvar": religião, mídia e democracia no Brasil contemporâneo. *Antropolítica*, v. 42, p. 20-48, 2017.
- DIP, Andrea. *Em nome de quem? A bancada evangélica e seu projeto de poder*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares de vida religiosa*. Paulinas, São Paulo, 1989.
- ELIAS, Nobert.; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1985.
- FELIX, Alexandre Landim. *O Deus das urnas: religião e eleições presidenciais no Brasil*. 2023.
- FIGUEIREDO, Nêbia Maria Almeida (Ed.). *Método e metodologia na pesquisa científica*. Campinas: Yendis, 2008.
- FRESTON, Paul. *Protestantismo e política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1993.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere: Literatura. Folclore. Gramática. Apêndices: índices e variantes*.

Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

GUADALUPE, José Luis Pérez. *Evangélicos y poder en América Latina*. IN: GUADALUPE, José Luis Pérez; GRUNDBERGER, Sebastian (Orgs.). *Evangélicos y poder en América Latina*. Lima: Instituto Konrad Adenauer Stiftung (KAS), 2018.

\_\_\_\_\_. ‘El hermano no vota al hermano’: la inexistencia del voto confesional y la subrepresentación política de los evangélicos en América Latina. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, v. 22, 2020.

GUIMARÃES, Juarez. *Quem Somos e para Onde Vamos?*. Teoria & Debate, edição 254, 2013. Disponível em: <https://teoriaedebate.org.br/2013/01/15/quem-somos-e-para-onde-vamos-2/> (acesso em 6 de março de 2025).

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. Metodologias qualitativas na Sociologia. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 75, n. 179-80-81, 1994.

HALL, Peter M. Presidential address: Interactionism and the study of social organization. *The sociological quarterly*, v. 28, n. 1, p. 1-22, 1987.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

INÁCIO, Magna; OLIVEIRA, Vanessa Elias de. (Ed.). *Democracia e eleições no Brasil: para onde vamos*, 2022.

LACERDA, Fabio. *Pentecostalismo, eleições e representação política no Brasil contemporâneo*. Tese de Doutorado em Ciência Política, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2017.

MACEDO, Edir; OLIVEIRA, C. *Plano de Poder. Deus, os cristãos os e a política*. Editora Thomas Nelson Brasil, 2008.

MACHADO, Maria das Dores Campos; BURITY, Joanildo. *A ascensão política dos pentecostais no Brasil na avaliação de líderes religiosos*. Dados, v. 57, n. 3, p. 601-631, 2014.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e análise do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MARIANO, Ricardo. Ativismo político de evangélicos conservadores rumo à extrema direita.

MARIANO, Ricardo. Efeitos da secularização do Estado, do pluralismo e do mercado religiosos sobre as igrejas pentecostais. *Civitas: Revista de Ciências Sociais*, v. 3, n. 1, p. 111-125, 2003.

MARIANO, Ricardo. Guerra espiritual: o protagonismo do diabo nos cultos neopentecostais. *Debates do NER*, v. 4, n. 4, p. 21-34, 2003.

MELLO, Bernardo. *Assembleia de Deus apresenta resolução para punir pastores que ‘defendam, pratiquem ou apoiem’ pautas de esquerda....* O Globo, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/10/assembleia-de-deus-apresenta-resolucao-para-punir-pastores-que-defendam-pratiquem-ou-apoiem-pautas-de-esquerda.ghtml>. Acesso em: 03 set. 2023.

MIRANDA, Júlia. *Carisma, sociedade e política*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. *Sociedade e Estado*, v. 32, n. 03, p. 725-748, 2017.

MOREIRA, Marcelo Sevaybricker. A Esquerda Dividida: Os Governos Lula e Dilma no Pensamento Político Brasileiro. *Dados: revista de Ciências Sociais*, v. 66, n. 2, p. e20210048, 2023.

OLIVEIRA, Francisco de. O averso do averso. In: OLIVEIRA, Francisco de; BRAGA, Ruy; RIZEK, Cibele Saliba. *Hegemonia às avessas: economia, política e cultura na era da servidão financeira*. São Paulo: Boitempo, 2010.

ORLANDI, Eni P. Análise Automática do Discurso (AAD-1969). In: GADET Françoise; HAK, Tony (Org.). *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora Unicamp, 2015.

PALMEIRA, Moacir. Política e tempo: nota explanatória. In: Peirano, Mariza. (org.). *O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/ NuAP, 2001.

PALMEIRA, Moacir; HEREDIA, Beatriz María Alasia. Os comícios e a política de facções. *Anuário antropológico*, v. 19, n. 1, p. 31-94, 1995.

SCALA, Jorge. La ideología de género: el género como herramienta de poder. In: SCALA, Jorge. *La ideología de género: el género como herramienta de poder*. Rosário: Edições Logo, 2010, p. 6-8.

SIMMEL, Georg et al. *A metrópole e a vida mental*. O fenômeno urbano, v. 2, p. 11-25, 1973.

SILVA, Emanuel Freitas; SILVEIRA, Emerson José Sena. Conflitos entre democracia parlamentar e religião reacionária na Câmara Municipal de Fortaleza. *Plural*, v. 28, n. 1, p. 109-135, 2021.

SILVA, Emanuel Freitas da; OLIVEIRA, Kerolaine Castro de; DAVID, Renan Cairo Moura. Representação política da moral: vereadores religiosos em busca da reeleição. *Conhecer*, v. 11, n. 26, p. 162-197, 2021.

TEIXEIRA, Carla Costa; Chaves, Christine de Alencar. Apresentação. In: \_\_\_\_\_. *Espaços e tempos da política*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004, p.7-22.

WEBER, Max. *Ensaio de sociologia*. 4.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1979.

## Sobre os autores

**Gladstone Almeida Melo** - Mestre em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade estadual do Ceará e professor da rede municipal de Pacatuba.

**Francisco Elionardo de Melo Nascimento** - Doutor em Sociologia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), com estágio pós-doutoral em Sociologia pela Universidade de Brasília (UNB). É professor da Faculdade de Educação e Ciências Integradas do Sertão de Canindé (FECISC/UECE), do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS/UECE) e do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas (PPGPP/UECE), coordenador do Laboratório de Ensino e Pesquisa sobre Governos e Políticas Subversivas (LEPS/UECE) e pesquisador do Laboratório de Estudos da Conflitualidade e Violência (COVIO/UECE). É pesquisador do projeto Cientista Chefe da Segurança Pública, com bolsa de Inovação Tecnológica da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP).

**Luiz Gomes da Silva Neto** - Doutorando em Sociologia pela Universidade Estadual do Ceará (PPGS-UECE), professor da Faculdade Ieducare (FIED/ Uninta), pesquisador do Laboratório de Ensino e Pesquisa sobre Governos e Políticas Subversivas (LEPS/UECE) e membro fundador do Descolonize-se: grupo de estudos em Psicologia Social, Decolonialidade e Políticas Públicas (FIED/UNINTA). Tem graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Especialização em Avaliação Psicológica pelo Programa de Pós-graduação da Faculdade Luciano Feijão (FLF), Mestrado em Saúde da Família pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

**Edival Saraiva de Oliveira Neto** - Doutorando e mestre em sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual do Ceará (PPGS/ UECE) e bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Regional do Cariri (URCA). É pesquisador do Laboratório de Ensino e Pesquisa sobre Governos e Políticas Subversivas (LEPS/UECE) e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

**Geovani Jacó de Freitas** - Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e professor adjunto da Universidade Estadual do Ceará, nos cursos de Bacharelado e de Licenciatura em Ciências Sociais e do Programa de Pós Graduação em Sociologia (PPGS/UECE). É coordenador do Laboratório de Estudos da Conflitualidade e da Violência - COVIO/UECE) e pesquisador associado do Laboratório de Direitos Humanos, Cidadania e Ética (LABVIDA/UECE). É pesquisador do projeto Cientista Chefe da Segurança Pública, com bolsa de Inovação Tecnológica da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP).